

a configuração da cidade no romance as fantasias eletivas, de carlos henrique schroeder

The configuration of the city in novel *As fantasias eletivas*, by Carlos Henrique Schroeder

Luiz Henrique Moreira Soares*
Adenize Aparecida Franco**

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o espaço e a configuração da cidade contemporânea construída no romance *As fantasias eletivas* (2014), de Carlos Henrique Schroeder. A narrativa em questão une o sujeito à palavra, demonstra o vazio e o esgotamento característicos da contemporaneidade, bem como a liquidez das relações humanas, tendo como plano as inconsistências e as abjeções de um espaço urbano modificado e globalizado. Neste sentido, o trabalho buscou refletir de que maneira a cidade contemporânea se apresenta na narrativa e qual sua relação com as personagens, também fragmentadas e instáveis. Para isso, a base teórica consistiu nas contribuições de Tânia Pellegrini (2002, 2007), Regina Dalcastagnè (2012),

* Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/IBILCE) – Campus de São José do Rio Preto. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luizhsoares83@gmail.com.

** Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como docente no curso de graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). E-mail: adenizefranco@gmail.com. Artigo recebido em 17/01/2018 e aceito para publicação em 06/06/2018.

Giorgio Agamben (2009), Luis Alberto Brandão Santos (1999), Renato Cordeiro Gomes (2000), dentre outros.

Palavras-chave

As fantasias eletivas; Cidade; Romance Brasileiro Contemporâneo; Configuração

Abstract

This article aims to analyze the space and the configuration of the contemporary city as built in Carlos Henrique Schroeder's novel *As fantasias eletivas* (2014). The narrative in question unites the subject to the word; it demonstrates the characteristic emptiness and exhaustion of the contemporaneity, as well as the liquidity of human relations. It all comes together in the novel as it shows the inconsistencies and abjections of a modified urban and globalized space in its background. In this sense, this paper seeks to reflect in which way the contemporary city presents itself in the narrative and how the characters relate to it, as they are also fragmented and unstable. In order to do so, the analysis mobilizes the theoretical contributions of Tânia Pellegrini (2002, 2007), Regina Dalcastagnè (2012), Giorgio Agamben (2009), Luis Alberto Brandão Santos (1999) and Renato Cordeiro Gomes (2000), among others.

Keywords

As fantasias eletivas; City; Brazilian Contemporary Novel; Configuration

Entre pedras evoluídas e pedreiros suicidas

Em um dos discos brasileiros mais emblemáticos da década de 1990, *Da Lama aos Caos*, da banda pernambucana Chico Science & Nação Zumbi, há uma

canção chamada *A cidade*. Composta por Chico Science em 1988, mas gravada em 1993, a canção não representa apenas a mescla de sons e ritmos enérgicos, mas, longe de ser uma tentativa de se aprofundar na vida cotidiana das grandes cidades, a canção basicamente (re)constrói o espaço urbano contemporâneo frente aos nossos olhos, a partir dos versos: *o sol nasce e ilumina as pedras evoluídas / que cresceram com a força de pedreiros suicidas e, também, a cidade se encontra prostituída / por aqueles que a usaram em busca de saída/llusora de pessoas de outros lugares*. Ao tratar do crescimento estrutural da cidade, a canção revela as facetas ferozes do capitalismo e seus objetivos econômicos, relacionando-os, também, à própria forma de produção da vida na cidade contemporânea. O consumismo desenfreado, os muros invisíveis da contradição territorial, as demarcações de poder e injustiças, as paisagens cinzentas e desoladoras, a complexa (sobre)vivência na "selva" urbana, bem como a convivência da vida e da morte nesse espaço citadino cercado por violências constantes são questões que interpelam e marcam a experiência dos indivíduos contemporâneos. Nesse sentido, como essas questões são articuladas pelo texto literário, em específico, o romance *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder? A literatura consegue interpretar o processo de esgotamento da experiência e da constituição identitária dos indivíduos?

É nessa grande metrópole, espaço onde se percebe a dificuldade em articular identidades coletivas estáveis, que a organização da vida contemporânea se constitui: espaço complexo e conflituoso, mas que também representa as ações do homem contemporâneo e sua forma de entender o mundo a sua volta. Tal como conhecemos, esse espaço urbano brasileiro teve elevado desenvolvimento principalmente na década de 1970, em pleno período opressor do regime militar e com o sentimento pós-guerra constituindo-se no país de forma muito marcante, observando a decadência da tradicional distinção de campo/cidade. Sobre esse ponto, Tânia Pellegrini (2002, p. 358) afirma que "a introdução do país no circuito do

capitalismo avançado, com a conquista e ampliação de mercados, inclusive para a cultura, que, aos poucos, vai aprofundando seu caráter de mercadoria”, contribuiu para a construção da tensão entre campo e cidade, bem como a pluralidade temática que os textos ficcionais passaram a incorporar – aliada ao desenvolvimento de uma forte indústria cultural. Paralelamente, ainda segundo a autora, a literatura brasileira produzida nessa época convivia com a censura institucionalizada que afirmava seu poder sobre a produção cultural e se estabelecia não apenas como “força geradora das narrativas de resistência à opressão do regime”, mas também como um “elemento adicional, compondo, juntamente com outros, um novo horizonte de produção” (PELLEGRINI, 2002, p. 358-359).

Para Regina Dalcastagnè (2012, p.110), “o espaço da narrativa atual é essencialmente urbano, ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos”. Isso porque a literatura contemporânea brasileira, segundo a teórica, acompanhou o processo de urbanização das cidades, que, na década de 1960, registrava cerca de 45% da população do país vivendo na área urbana, mas, com base no censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, 84% da população do país vive nas cidades. A partir desse processo, a literatura deslocou-se às dificuldades de adaptação do homem urbano, o que propiciou o surgimento de novos problemas, como a desterritorialização.

Na arquitetura contemporânea, os prédios (des)combinam e se agrupam num emaranhado de cores, materiais e formas, crescem verticalmente desnudando qualquer oportunidade de diálogo com o espaço urbano em sua plenitude. O cenário que se constrói, em meio à expansão do concreto, é esgotado – paisagem em preto e branco na qual os indivíduos se fragmentam e se transfiguram. Essa fragmentação e transfiguração é o que dá vida e sustenta a cidade, trazendo consigo a solidão e a incomunicabilidade cimentada à vida de cada um. Nas palavras de Gomes (2000):

a cidade já não pode ser como uma primeira vez: com o processo de modernização ela se tornou uma imensa arena de signos gastos e dispersos, signos que fazem a ponte entre a própria cidade e o indivíduo – o que, neste final do século XX, demanda exploração constante e obsessiva. Revela ainda que o olhar está mais do que nunca condicionado pela tecnologia e pelos meios de comunicação de massa – o que impossibilita o olhar selvagem. Em tempos pós-modernos, a fragmentada experiência cotidiana e rotineira sustenta a cidade e lhe dá vida; os olhos dos habitantes, leitores da cidade, estão num processo de fusão visual, compactando uma multiplicidade de gestos e movimentos, de imagens, no ato de ver/ler a realidade urbana. (GOMES, 2000, p. 65)

Temos, portanto, uma cidade tumultuada pelo trânsito, vítima do próprio processo globalizador que a rege, um espaço que deflagra as desigualdades e as injustiças sociais. Então, pensar a cidade contemporânea e a sua cartografia literária é pensar na heterogeneidade e na dificuldade em desvendar um espaço que é, ao mesmo tempo, “vazio” e “lugar nenhum”; espaço que traz significações e que a literatura contemporânea (re) interpreta esteticamente – desvendando-as, na tentativa de preencher as lacunas e encontrar-se em meio aos labirintos construídos pelo texto da cidade. É, sobretudo, uma forma de entender a organização e o modo de circulação das coisas e das pessoas – emergidas em um mundo que se não se reconhece constantemente.

A narrativa contemporânea brasileira e o seu tempo-demônio

No tempo-demônio da contemporaneidade, é impossível não vivenciar a experiência urbana em seu caráter infernal. Para Idilva Pires Germano (2009, p. 235), o cenário labiríntico, turbulento e demoníaco da cidade contemporânea tornou-se um tipo de “apogeu de todos

os tipos de desvios econômicos, políticos e morais, tornando a cidade um lugar de alienação, sofrimento e castigo". E é nesse espaço de desvios, desigualdades e demarcações que a narrativa contemporânea se agrupa: a necessidade de afirmação de múltiplas vozes existentes dentro da cidade, a afirmação literária do gueto, das grandes favelas, das rimas e das expressões artísticas oriundas da experiência da rua, dos perigos urbanos e da violência naturalizada.

Ao observarmos as transformações ocorridas na narrativa brasileira nas décadas finais do século XX, principalmente a partir dos anos de 1970, veremos que a cidade contemporânea ganhou maior enfoque nas produções literárias. O mundo urbano, com seus aspectos degradantes e desagregadores, passou a ser o "novo" plano de fundo para a construção de narrativas – narrativas essas que beiram o experimentalismo de novas formas textuais, novos modos de representar o tempo e o espaço, além de maior subjetivação e complexidade na construção de enredos e personagens. Por outro lado, seguindo na esteira de Germano (2009, p.245), isso reflete a dificuldade em traduzir e interpretar a experiência urbana: "o escritor, ao estranhar seu próprio espaço e tempo, deslinda as faltas, as ruínas e as patologias da vida urbana em tempos de modernidade tardia".

Nesse aspecto, há de se observar que as significações produzidas pelo cenário urbano atual, com base nas formulações de Rejane Cristina Rocha (2012), acompanharam o desenvolvimento industrial da cidade desde a Modernidade, quando o espaço urbano também fora eleito como enfoque de interesse literário. Em seu ensaio, a autora observa como os escritores modernos Charles Baudelaire e Mário de Andrade reconstruíram, respectivamente, Paris e São Paulo em suas produções literárias, e, além de suas estruturas extrapolarem a mera descrição do objeto, elas "nos informam sobre a própria configuração da Modernidade" (ROCHA, 2012, p.108). O desenvolvimento da narrativa e sua consequente

fragmentação, nesse sentido, acompanharam o desenvolvimento da própria cidade no tempo, bem como das promessas, frustrações e das ruínas do desejo moderno.

A transformação da cidade moderna – aquela do olhar de Mário de Andrade – nesse cânion de concreto por todos os lados, também reestrutura e dá novos sentidos aos espaços desiguais, interdependências e experiências de nosso tempo. E por isso a cidade já não é mais tema, ou apenas espaço ou cenário de atuação das personagens; ela agora aparece como personagem na narrativa, agindo e demonstrando como a vida surge, se constrói e se deterioriza nos espaços urbanos. Como exemplo, o romance *Eles eram muitos cavalos*, de 2001, do escritor mineiro Luiz Ruffato, constitui essa experiência dolorosa da vivência urbana, tendo a cidade de São Paulo como uma de suas personagens, agindo na vida de personagens-sujeitos desintegrados, entre identidades cambiantes e mundos sem sentido.

Muitos outros autores também recorreram ou ainda recorrem às cidades para a construção de suas narrativas. A cidade contemporânea nos dá a ideia de espaço contraditório, onde, apesar das desigualdades sociais, ela ainda é tida como local de prosperidade e desenvolvimento, em que público e privado dividem espaços de poder e exclusões, na qual perambulam empresários, catadores de lixo, jornalistas, camelôs, travestis, prostitutas, empregadas domésticas. Autores como Rubem Fonseca, Marcelino Freire, Caio Fernando Abreu, Chico Buarque, Carolina Maria de Jesus, Fernando Bonassi, Ana Paula Maia e outros, utilizam o cenário da cidade contemporânea em suas obras na tentativa de entender problemas atuais que o espaço urbano acarreta, seja na justaposição do espaço rural com o urbano, em face da mudança e adaptação ao cotidiano citadino, seja em histórias de migração e de violências, seja em narrativas pessoais, que demonstram a grande segregação no espaço citadino ou na emergência de novas subjetividades.

O presente artigo, então, propõe analisar o espaço urbano-ficcional construído no romance contemporâneo

As fantasias eletivas, de Carlos Henrique Schroeder. Ao entender o espaço da cidade contemporânea como local em que os aspectos como fragmentação, desgaste e violência acabam por se tornar propícios à produção literária, buscamos observar como a cidade atua na narrativa em questão, impregnada à vida das personagens e, ainda, à própria estrutura do romance.

As fantasias eletivas e a cidade dos solitários

O romance *As fantasias eletivas*, publicado em 2014, surgiu a partir do conto “Os recepcionistas”, contido no livro *As certezas e as palavras*, lançado também por Carlos Henrique Schroeder, quatro anos antes. O romance narra, de forma fragmentada, a história de Renê – um recepcionista de hotel da cidade turística de Balneário Camboriú que tenta reconstruir sua vida após o abandono do filho e a tentativa frustrada de suicídio. E paralelamente, também de forma fragmentada, o romance narra a história da travesti Copi – uma prostituta e jornalista argentina obcecada por fotografias e literatura. Copi carrega sempre consigo uma câmera *Polaroid*, fotografando coisas a sua volta e compondo pequenos textos poéticos a partir dessas fotos.

Renê se vê em meio ao descontentamento da sua profissão e de sua inutilidade no mundo: as únicas coisas que sabia fazer bem era cozinhar arroz com legumes e macarrão de alho e óleo, além de passar, constantemente, um pano com álcool no balcão da recepção – que lhe rendeu o apelido de Mister Álcool.

O encontro de Renê e Copi ocorre quando a travesti vai ao hotel onde Renê trabalha para deixar o seu *book* na recepção – uma espécie de catálogo de fotos de acompanhantes para “apreciação” dos clientes do hotel. Inicialmente, Renê recolhe o *book* de Copi e o guarda no fundo da caixa, junto com outros catálogos. Copi começa a passar todos os dias em frente ao hotel, esperando que Renê a chame para algum trabalho.

Ao indagar o recepcionista por que não a escolhiam, a travesti não o espera responder e arremessa o sapato de salto no peito de Renê e vai embora. Posteriormente, Copi volta ao hotel com o desejo de fazer as pazes com o recepcionista. Ele se recusa a conversar com Copi, mas a travesti, durante uma semana de visitas ao hotel, entrega inúmeros presentes à Renê, que acaba a desculpando. Devido ao seu jeito assustado, Copi passa a chamar Renê de *Ratón*, “você parece um rato, lindo, um rato assustado” (SCHROEDER, 2014, p. 46).

A construção de uma amizade entre Renê e Copi possibilitou o entendimento sobre as solidões que ambos sentiam. Copi, abandonada pela família, entende que Renê, assim como ela, é também vítima da desolação na qual a cidade os aprisiona e os diluem, vítimas de uma cidade turística “onde tudo tem preço, informação, prazer, sossego e vingança” (SCHROEDER, 2014, p. 36). A amizade construída entre as personagens acaba por estabelecer discussões não apenas sobre solidão, mas também sobre criação, amor, desejo, imortalidade, memória, destino e ausência.

Ao apresentar a literatura como uma defesa contra as ofensas da vida, o romance narra os deslocamentos desses personagens pelas ruas de Balneário Camboriú e os problemas da globalização, materializados nas memórias e experiências de Renê e nos escritos de Copi – que sente a necessidade de criação a partir das fotografias que tira da cidade, e do entendimento sobre as palavras, os sons e os estilos da vivência coletiva, tão desgastada.

Quando Copi apresenta a Renê uma de suas primeiras fotografias – uma menina solitária sentada no trilho do trem –, ela conta que é a partir das fotografias que passa a entender melhor o significado das coisas, entender a realidade, embora acredite que “havia muita palavra no mundo, muito mais do que gente” (SCHROEDER, 2014, p. 49). A escrita, para Copi, age também como instrumento de estratificação do tempo presente, “é a fotografia das palavras” (SCHROEDER, 2014, p. 57).

A personagem, por meio das fotografias e da escrita, captura a solidão do mundo – a estratifica:

Aí percebi que mais solitária que a menina da foto eram os bancos, as porras desses bancos duros à beira-mar, sempre desertos, em que você gela as duas bolachas da bunda no primeiro segundo que senta. Você não vê mais as pessoas namorando na rua, quase não vê o beijo, o afago, aquele abraço prolongado. Apenas o mecânico e desgastado andar de mãos dadas. Os adolescentes ainda se beijam ardorosamente, ficam pendurados um no pescoço do outro ou mesmo partem para um amasso de proporções godzillescas. Mas e os adultos? Os bancos das praças e praias, principalmente dessa merda de praia suja aqui do centro, se transformaram num lugar de descanso e observação, onde se espera acabar o sorvete para continuar a caminhada, ou onde dá pra espiar os carros passando, ou onde se mata tempo. (SCHROEDER, 2014, p. 60-61).

No caso de Renê – o Mister Álcool, o Ratón –, há a incompetência para entender seu próprio passado, há a dificuldade em se relacionar afetivamente, a relação conturbada com a família, a memória das violências da infância, a sua marginalidade situada na imagem do proletário sem desejos, frente ao capitalismo selvagem que o rodeia: tudo isso é estrutura de construção fragmentada da narrativa, a personagem de identidade não solidificada e em constante reconfiguração e desconfiança.

A cidade contemporânea, assim, ganha papel fundamental na constituição das personagens. Ela não aparece apenas nas fotografias e nos textos de Copi, ou nas memórias e desilusões de Renê. Balneário Camboriú, para uns, é cidade turística onde se está “viajando porque quer ser feliz por uns momentos ou quer fingir ser feliz por uns momentos ou quer mostrar para os outros que

pode ser feliz por uns momentos” (SCHROEDER, 2014, p. 44). Mas, tanto para Copi quanto para Renê era lugar de “recomeço”, lugar de tentativa – estética e humana – de sepultamento do passado.

Para Renê, a cidade guarda em si toda a sua infância, sua memória, sua história. Desde a facada que levou de um desconhecido – um menino de 17 anos – quando atravessara a Escola Municipal Presidente Médici, ou o corte que fez no cotovelo quando seu amigo Rodrigo lhe chutou uma lata de óleo *Soya*, aprendera que “raramente a palavra cobria o sentimento”. Desolado pelo abandono do filho, em meio a frustrantes encontros amorosos, Renê, assim como Copi, é vítima da violência da cidade contemporânea, do consumismo turístico, da liquidez e fragilidade das relações humanas e econômicas:

Você sempre trabalha sábados, domingos, feriados, Natal, Ano-Novo e seus pagamentos são mensais. Os taxistas sempre no dia primeiro. Três reais por táxi chamado. As putas dão dez por cento do valor do programa, ou pagam em boquetes ou rapidinhas; os travestis, vinte por cento, e a michezada, quinze. Os traficantes pagam na hora, em mercadoria ou dinheiro. Os guias turísticos e os vendedores de pacotes são seus melhores amigos. Você lhes dá as informações: Flechabus. 40 pax. De Córdoba. Sete dias. Comissões. Comissões. Você respira, comissões, comissões. (SCHROEDER, 2014, p. 39)

Narrado em terceira pessoa, o romance extrapola, de maneira corajosa e não convencional, as barreiras da criação literária, ao apresentar, em um mesmo livro, aspectos da prosa, da poesia e da fotografia. Nesse aspecto, conforme aponta Mikhail Bakhtin (1981), a própria construção estrutural do romance – sempre inacabado e em constante formação – relaciona-se a elementos do tempo presente.

A fusão de diversos gêneros literários, os subcapítulos do romance demarcados cada um por uma letra do alfabeto, a fotografia como possibilidade de criação literária e reflexão estética, a história não linear e personagens em seus espaços desfigurados e desconfortáveis: tudo isso configura e reafirma o romance como gênero da nossa época, a reafirmação como “o gênero que possibilita a antítese entre o indivíduo e a sociedade” (PELLEGRINI, 2007, p. 145). O romance indaga, tanto no conteúdo quanto na forma, sobre nossa incapacidade de darmos conta de nosso tempo, fragmentado e constantemente em conflito.

Conforme apresentado por Giorgio Agamben, em seu ensaio *O que é o contemporâneo?*, a contemporaneidade se estabelece na relação do indivíduo com o seu próprio tempo não de forma convencional, mas inatural –, por meio do que o teórico chama de “dissociação”. Para Agamben (2009, p. 62), “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” Nesse sentido, ver a obscuridade do nosso tempo, observar a “fratura do tempo” significa, em outras palavras, uma tentativa de interpretar a nossa época. O escritor, frente ao olhar feroz da contemporaneidade, assume um discurso autorreflexivo, pois, como suas próprias personagens, ele também está imerso na multidão, se relacionando e pertencendo aos poderes soberanos e às exclusões que enveredam os espaços urbanos.

A narrativa brasileira contemporânea, dessa forma, reflete sobre a capacidade de resistência à “maré”, a capacidade de escolha, a promoção de novos conhecimentos e formas novas de organizar esses conhecimentos em meio aos estilhaços e fundos falsos que compõem a cena urbana; mas também se estabelece como forma de entendimento do nosso próprio tempo, a obra que é a “sutura”, a costura das “vértebras quebradas” do nosso tempo, colocando nossa época em cheque com outras épocas.

Luis Alberto Brandão Santos (1999), em seu ensaio *Textos da cidade*, ao discutir sobre a representação literária da cidade contemporânea, sob um conceito de “cidade-personagem”, afirma que, na cultura urbana da cidade tumultuada e desconexa, os modos de incômodo, desconforto e isolamento estão comumente associados aos modos de produção e atuação do capitalismo e da tecnocracia. Para o autor:

Ao texto literário vai interessar, sobretudo, o incapturável da cidade: incapturável porque não se trata de um objeto, mas de vetores, não se trata de um conjunto definido de pontos, mas de uma multiplicidade de trajetórias não necessariamente regulares. O invisível da cidade é aquilo que está além – ou aquém – da nossa capacidade de representá-la, do nosso sistema de produzir equações a respeito. (SANTOS, 1999, p. 137).

O caráter incapturável da cidade reside, nesse sentido, na ausência e na dificuldade em contorná-la literariamente em toda a sua dimensão. É a ausência que permeia e atravessa a cidade e os textos de Copi, embora as fotografias venham acompanhadas de texto em formatação maior que elas próprias, o que denuncia certo destaque. A ausência se configura no conteúdo literário expresso por Copi: “Numa pesquisa de invisibilidade social, os rejuntes de pisos cerâmicos e porcelanato foram apontados como os verdadeiros párias. Ninguém os percebe, ninguém os elogia. (SCHROEDER, 2014, p. 82)

O espaço urbano turístico de Balneário Camboriú é tumultuado por “um aglomerado de prédios em menos de cinquenta quilômetros quadrados, que recebia mais de um milhão de turistas por ano na alta e média temporada, e era um dos principais destinos turísticos de Santa Catarina” (SCHROEDER, 2014, p. 36), lugar onde tudo tem preço, onde tudo se torna mecânico e artificial, o consumismo exacerbado tomando parte da

paisagem, a cidade como o espaço do lucro, um corpo vivo se mantendo de comissões, “onde seus habitantes são a parte mais frágil, cujas vozes são as menos audíveis na turbulência das ruas” (PELLEGRINI, 2002, p. 369).

Nada é tão desolador quanto uma madrugada semideserta de uma segunda-feira de agosto numa cidade litorânea: cães, o frio e o vento nas ruas. E você está isolado num edifício de seis andares, onde tudo range, onde o vento se infiltra em todos os lugares e assovia, avisa que você nunca está sozinho. (SCHROEDER, 2014, p. 23)

Na obra de Schroeder, percebe-se o vazio do espaço urbano, o “lugar da opressão”, a desolação que assola os indivíduos. Desse modo, Gisele Menezes da Silva (2009, p. 10) afirma que “a literatura contemporânea pode ser entendida como uma literatura de ruína, a ruína de um mundo que não pode mais ser retratado na sua totalidade, e sim por meio do fragmento”. A fragmentação se dá tanto no âmbito constitutivo da obra, quanto nos seus personagens, sendo a violência “estritamente ligada à nova geografia da cidade contemporânea que congrega no mesmo espaço geográfico a favela e o asfalto” (SILVA, 2009, p. 11).

No que tange à narrativa, essa própria fragmentação no modo de narrar e das memórias se confundindo no tempo e no espaço prova a impossibilidade da literatura em captar a dimensão do urbano, a impossibilidade de entender o caos, que é a própria destruição da cidade contemporânea. Nesse sentido, o romance estrutura, esteticamente, a solidão e a violência como consequências desse novo modo de vida contemporâneo, tendo como mote a fotografia de Copi sobre a menina sentada nos trilhos do trem:

“(...) E, como gosto de imaginar o futuro das pessoas, enquanto continuava minha caminhada, tentei imaginar o futuro dessa menina sem rosto, sem voz. O que será da vida dela? Que profissão

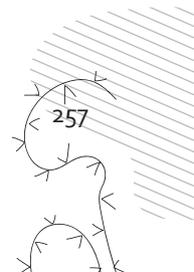
terá? Se casará? Terá filhos? Você sabe do que estou falando, muitos de nossos sonhos não se concretizam; alguns, sim, outros caem num caminhão de merda, e essa é a natureza da vida, ganhar e perder, nascer e morrer, caminhar e correr, dar o cu e comer, hahahahaha...”

“Copi...”

“OK, Ratón, OK... Nunca mais vi a menina no trilho do trem, mesmo passando todos os meses pelo local. Ela não me viu, eu não existo para ela, mas a fotografia que fiz e o tempo que passei pensando nela fizeram um movimento, e são uma lição: de que para os outros somos um conjunto de imagens, de memória, fotográfica ou não. Pois, quando morreremos, restarão as fotografias, e as cenas das pessoas que nos viram, que presenciaram nossa existência (...)” (SCHROEDER, 2014, p. 58-59)

Quando Copi reconhece na fotografia a capacidade de capturar o mundo, o instante da solidão da cidade, como instrumento da memória – como um tipo possível de imortalidade –, ela reconhece também as relações possíveis com a arte literária. Para a personagem, a literatura também deseja desassossegar a vida, no desejo de ultrapassá-la, torná-la possível de se viver. A solidão, nesse sentido, atravessa não só a cidade ou os bancos, as experiências das personagens, ou a própria construção do romance: o medo de Copi é também a solidão das palavras – sem leitores.

A forma das personagens de experienciar a cidade – seja pelo modo estético ou humano –, também configura a narrativa, pois se tratam de experiências recheadas de ausências, desejos e deslocamentos. Desestruturadas e excluídas, as personagens Copi e Renê vivenciam a cidade contemporânea em sua violência dilacerante e melancólica: ela, travesti que abandona a profissão de jornalista para deixar-se “incendiar” pelo desejo da prostituição (SCHROEDER, 2014, p. 50); ele, rejeitado



pelo mar (SCHROEDER, 2014, p. 13) e refém da saudade do filho e do isolamento da família.

A complexidade do contemporâneo rechaça as possibilidades de relações mais estreitas e reais, divide o espaço com a vida conturbada e a dificuldade de reclamar o mundo. Paradoxalmente, é na personagem Copi e nos seus diálogos com Renê que o desejo frágil de contorno da cidade e das relações contemporâneas se constitui:

“(…) Nos permitimos exibir nossos carros, a porra desses tijolões, os celulares, mas temos vergonha de fazer um carinho, dar um beijão prolongado na nossa companhia em plena rua. É o claro isolamento do afeto, do toque, do gesto. **É uma espécie de ausência que torna todas as ruas de todas as cidades um pouco fantasmas, já que elas deixaram de ser o palco das expressões humanas para ser apenas um trajeto. As ruas, que já foram significado de liberdade e revolta, hoje significam medo e violência.** Está difícil até para nós, que somos crias das ruas. Ausência, esta é a palavra. O afeto não é mais público, ninguém se importa mais com o afeto, das pessoas, das coisas, das árvores.” (SCHROEDER, 2014, p. 61, grifos nossos)

Para Regina Célia Petrillo (2011), “a crise dos relacionamentos espelha o divórcio do ‘eu’ com a cidade. No espetáculo sempre cambiante da vida urbana, a única imagem possível é da mudança, da deriva, da indiferença, e da falta de afetividade”. A cidade, então destruída pela ação do homem, também modifica a maneira de viver de seus habitantes, dentro dela se configuram muitas outras cidades, se desdobrando, muitas vezes entre o deserto e a vivência acinzentada.

Já constatava Paul Virilio (1993), “a metrópole é apenas uma paisagem fantasmagórica”. O espaço urbano,

nesse sentido, confunde-se com muitos outros espaços, podendo uma cidade se parecer com muitas outras – todas as cidades, a cidade – como uma Babel, uma cidade fantasma sem identidade, podendo também ser qualquer uma ou nenhuma. Dessa forma, é comum nas cidades da literatura contemporânea a perda do contato humano, a ausência tomando forma nas relações diárias, a erosão identitária das personagens. Para Renato Gomes (2000, p. 69), “a descontinuidade entre esses tempos passa a reger a dinâmica do mundo interior da personagem, projetando-se na estrutura fragmentada da narrativa que recicla citações, efetua colagens e procede por cortes, num universo impossível de totalização.”

É nítida a preocupação de Copi com o seu processo criativo – um processo criativo que perpassa pelo desejo e pela necessidade de instaurar, nas palavras de Gisele Menezes da Silva (2009, p. 13) “um discurso bem próximo da realidade que o ampara”. Nesse processo, personagem e autor acabam por refletir sobre o próprio fazer literário na contemporaneidade, a influência e construção da ausência na experiência humana na cidade. A cidade contemporânea, no texto, guarda em si a própria dificuldade em narrar sua dimensão, sua amplidão. É necessária, portanto, a criação de narrativas cada vez mais inquietantes, nos moldes mais variados, passando pela linha tênue que divide ficção e realidade: realidade que nutre esse algo chamado de literatura – entranhada na vida humana.

Nas palavras de Silviano Santiago (2002, p.52), a ficção existe para falar da incomunicabilidade da experiência. Nesse sentido, é de se considerar que, mais do que narrativas da ruína (ruínas da cidade, do sujeito e das palavras), as narrativas do contemporâneo são, por definição, “quebradas e sempre a recomençar”. A narrativa de Schroeder possibilita reconhecer que o lugar da literatura contemporânea está, nesse sentido, no espaço necessário e fértil de falar sobre a pobreza da experiência e da incomunicabilidade de nosso tempo.

Não há como pensar o processo de aprimoramento da sociedade sem a possibilidade de comunicação, o compartilhamento da experiência – seja pela narrativa oral, seja pela palavra escrita.

Breves considerações: narrativa da ruína, narrativa em ruína

Ao chegarmos às considerações finais, notamos como a literatura contemporânea, no desejo de dinamizar a totalidade do espaço da cidade, chega a ultrapassar o próprio ato de narrar e o próprio processo de construção da narrativa. Carlos Henrique Schroeder nos apresenta uma narrativa fragmentada, com personagens fragmentados e com histórias de vida fragmentadas. Uma narrativa da solidão. O espaço de uma cidade turística também é o espaço da solidão: estrangeiros buscam felicidades e sossego, estudantes buscam diversão, e outros, como Copi e Renê, buscam apagar o passado e recomeçar.

A cidade se desterritorializa, ela se desmorona e se desconstrói, e assim também faz com as personagens da narrativa. Uma narrativa tortuosa, tal como a cidade. Ou se trataria de uma troca mútua de desconstrução e desestabilização entre a cidade e a narrativa contemporânea? O espaço urbano se constrói em cima de muitos medos, de muitas frustrações, e o leitor, é claro, também faz parte dessa realidade cidadina, também se vê enrolado em dramas contemporâneos, na inquietude, na solidão.

As personagens Copi e Renê, em suas experiências cidadinas, abrigam um leque de possibilidades de pensar o contemporâneo e o esgotamento silencioso das palavras e das individualidades sufocadas: personagens sem discurso são produtos de fala de outras vozes. É reafirmação, entretanto, que a cidade contemporânea, na produção literária de nossos dias, se apresenta muito mais do que um simples espaço

decorativo, ou um cenário necessário ao enredo: a cidade age como uma personagem que tem vida e voz, age sobre si mesma e sobre as outras personagens da narrativa. Além disso, como apresentado pela narrativa em questão, a cidade se deflagra de incomunicabilidade ao mesmo tempo em que seus habitantes também de distanciam da coletividade e do afeto.

Nesse sentido, entendemos que as cidades contemporâneas, segundo Dalcastagnè (2012, p.120), são “muito mais do que espaços de aglutinação, são territórios de segregação”. Balneário Camboriú se configura, na narrativa, como um espaço de lazer: frente ao consumismo turístico, apenas as pessoas com grande poder aquisitivo é que podem desfrutar de toda a sua construção paradisíaca. Pessoas como Renê, como Copi, estão segregadas de todas essas oportunidades. De um lado, o Mister Álcool, Renê, na sua luta constante para enterrar o passado, tentar entender o presente e construir um futuro sem grandes turbulências, numa cidade que não o abriga, onde até as ondas se negam a levá-lo ao mar. Do outro lado (e talvez não seja tão “outro lado” assim), vemos Copi: travesti argentina, prostituta oriunda das ruas, da noite portenha, carregando consigo o sonho de ser escritora e uma câmera Polaroid fotografando tudo a sua volta, observando e refletindo sobre os espaços da cidade, os bancos gelados, o frio, falta de afeto, usando a palavra como forma de salvação, de reclamação do mundo. Tudo isso se torna produto de inspiração na construção dos poemas e das micro-narrativas que se abrem – como um livro dentro de outro – de forma fragmentada, no romance de Schroeder.

Portanto, a fragmentação da narrativa também revela a desagregação da cidade, o condicionamento de valores e comportamentos ligados ao conforto e o lazer de massa. A literatura se constitui como possibilidade de entendimento sobre as ausências e os estilhaços, tal como “uma defesa contra as ofensas da vida”, nas palavras de Cesare Paveve. A literatura é a única forma confundível com a realidade caótica que vive o homem

contemporâneo e o seu desejo de permanecer na vida, na cidade, em todas as cidades: as fantasmagóricas, as desencaixadas e as solitárias – entre a desordem de pedras evoluídas e pedreiros suicidas.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *O que é o Contemporâneo? In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAKHTIN, M. Epos e romance In: *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)*. Tradução de Aurora Bernardini. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

GERMANO, Idilva Maria Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 2, n. 9, p.425-446, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna? *Revista Alceu* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 1, p. 64-74, 2000.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. *Revista de Filología Románica*, Madrid, v. 19, p.355-370, 2002.

_____. Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 42, n. 4, p.137-155, 2007.

PETRILLO, Regina Celia Pentagna. Desagregação e busca – a cidade na literatura brasileira contemporânea. *Saber Digital*, v. 1, p. 1-10, 2011.

ROCHA, Rejane Cristina. As formas do real: a representação da cidade em “Eles eram muitos cavalos”. *Estudos de Literatura*

Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 39, jan.-jun., p. 107-127, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, L. A. B. Textos da cidade. In: VASCONCELOS, M. S.; COELHO, H. R. (Org.). *1000 rastros rápidos: (cultura e milênio)*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 131-138.

SCHROEDER, Carlos Henrique. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SCIENCE, Chico. Cidade. In: Chico Science & Nação Zumbi. *Da Lama ao Caos* (CD). Rio de Janeiro: Chaos, 1994.

SILVA, Gisele Menezes da. *A cidade e o caos: Uma leitura do contemporâneo*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 1993.

Notas

1 Carlos Henrique Schroeder utiliza, como epígrafe, uma frase do escritor italiano Cesare Pavese na abertura do romance *As fantasias eletivas*.